



Jornal das Senhoras – Tomo V. – 30 de abril de 1854 – Edição 18

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00018.pdf

3° ANNO.

TOMO V. — DOMINGO, 30 DE ABRIL DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.
JORNAL DA BOA COMPANHIA

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

MODAS.

A moda tem duas grandes phases, porque o anno tem duas grandes estações: o calor e o frio. O tempo temperado modifica o *toilette*, mas não o altera totalmente, como o estio e o inverno.

Sendo essa mudança ou transição, total, deve ser prevenida em tempo, para que o mundo elegante esteja preparada na ocasião: o inverno não tarda, e por isso de já começaremos a apresentar os figurinos de Pariz dos *toilettes* proprios da estação, offerecendo-vos hoje uma grande e variada estampa em que vereis os mais lindos modelos de capotes que a imaginação das modistas tem creado até esta data. Não penseis que um capotinho, além da commodidade, não tenha encantos: Sélin achava Zuleika mais bella quando a via envolta em seu capotinho de pelles. Assim vos acharão também todos os *Sélins* dos salões brasileiros. - O contraste agrada: depois de se vos ver, toda uma noite, decotadas, mostando a perfeição e os encantos de vosso collo, também agrada trazer-se-vos pelo braço, toda embuçadinha, até á [portinhola de vosso carro.

Encanta aos homens o mysterio, de tal sorte, que o fazem daquillo que não é. Quando os vossos adoradores vos contemplarem encapotadinhas, que de enlevos não sentirão em pensar

que debaixo desse manto existe tanta belleza, que esse capotinho resguarda do vento do Céu seios mais caros para elles que o mesmo Céu!

Sou mulher, mas sei reconhecer o nosso verdadeiro valor, e o valor dos nossos *toilettes*. Se isso é vaidade, quero antes ser assim, do que como muitas que se julgão anjos, talvez por culpa mesmo dos seus galanteadores.

Aqui páro, e páro para sempre. A vossa Christina já chegou, e vem cheia de bellos pensamentos.

Peço-vos desculpa do tempo que vos aborreci, e de todos os erros que commetti. Se minhas opiniões erão falsas, erão comtudo dictadas pela boa fe.

Peço-vos pois desculpa de tudo, e uma saudade eterna da vossa

Ritinha.

26 de Abril de 1854.

DESCRIÇÃO DA ESTAMPA.

1º Figura. - *Pelisse - Nabab* de nobreza preta guarnecida de renda guipure, de seda, e fita de veludo preta escoceza.

2º Figura. - *Mantelette - Romeo* de veludo preto, enfeitado de franja preta.

3º Figura. - *Capote - Norma* de panno pelucho côr de cinza com enfeites de veludo preto.

4º Figura. - *Capote - Galathée* de panno preto, enfeitado de tiras de chamalote preto.

5º Figura. - *Capote - Moscovite* de veludo preto enfeitado de Marthazebelina.

6º Figura. - *Mantelette - Clothilde* de panno preto enfeitado de tiras de chamalote.

7º Figura. - *Mantelette - Dogaresse* de veludo preto, guarnecido de renda Chantilly com enfeite de *passementerie*.

O DOTE DE MARIA.

N'um bello dia do anno de 1515 voltava um pescador venesiano de sua occupação ordinaria; e, saltando em terra diante do palacio de S. Marcos, atravessou a sua celebre praça e

parou á porta de uma hospedaria sobre a qual havia em uma taboleta o leão emblemático de Venesa. O jovem era de estatura alta, corpo simétrico e robusto, e feições regulares. Seu rosto queimado pelo sol, apresentava, uma certa expressão de força e inteligência, que frequentemente se observa nos habitantes do bello clima da Italia; mas o brilho de seus olhos havia desaparecido, e a palidez de seu rosto dava indícios de padecimentos.

Ao entrar na hospedaria viu, em um dos cantos da sala, um estrangeiro que parecia mergulhado em profunda meditação. Distinguia-se também por aquellas maneiras varonis e expressivas, que geralmente denotão a energia moral. Seu traje era muito simples; um collete, com calção e meias de panno preto, cobrião seus nervudos membros; e na cabeça um bonet de seda atado por baixo da barba, á moda daquelle tempo, occultava em parte seu cabello espesso e grisalho, deixando escapar alguns anneis encanecidos que lhe cahião em desalinho pelos hombros.

— Gianetti, diz o gondoleiro dirigindo-se á um homem corpulento que passeava em silencio pela sala; persistis ainda em vossa negativa?

— Sim, respondeu o Vnesiano.

— Sem duvida sou demasiado pobre para ser vosso genro? replicou o barqueiro. Antes de attender á felicidade de vossa filha, pensais em sua fortuna. Será preciso, Gianetini, que para influir em vossa decisão vos recorde o que me deveis? Haveis esquecido que vos salvei a vida na batalha de Lepanio, quando Venesa armou todas as suas mulheres para defender a republica contra os ataques de Barbaroxa?.... Ignorais acaso que Maria e eu fomos creados juntos; que jurámos desde a infancia viver um para o outro, e que estes juramentos forão renovados quando o tempo deu força e constancia ao nosso amor? Quereis fazer-nos desgraçados?... Sois acaso o duque, para terdes idéas tão ambiciosas?

— Não, Barberigo, pois sou rico.

— E eu também o serei, Geianetini. Tenho um braço forte, um coração cheio vida, mocidade e confiança em Deus. Algum dia a fortuna estenderá suas azas por sobre a minha barca.

— Castellos no ar! tornou-lhe o estalajadeiro.

— Quem sabe!.... respondeu o jovem. Lourenço de Medicis foi mercador; Francisco Sforza foi pastor; porque não chegarei eu com o tempo a ser general?

— Porque a fortuna, se favorece a dez individuos, engana a um milhão. Finalmente não quero ter por genro a um homem que tem toda a sua fortuna em duas taboas lançadas ao mar.

— Sim, concedo; e por isso preferis casar vossa filha com o infame Santini, cujo cabelo tem encanecido no exercício de toda a classe de maldades, e á quem ella odeia de morte? Velho libertino e audaz, cuja velhice torna mais destestaveis e hediondos seus vícios.

— Verdade é; mas os dous mil ducados que prometeu dar-me não se devem perder.

— Miseravel!.... E por essa somma pretendeis vender Maria?!!

O desconhecido, que havia prestado attenção á conversação dos dous Venesianos, batendo com a mão no hombro de Barberigo:

— Gondoleiro, diz elle, Maria será tua.

— Nunca! replicou vivamente o estalajadeiro.

— Nunca!... porque? E se este mancebo vos apresentasse, não dous mil ducados, mas sim dous mil dobrões, como dote da noiva, ainda lhe negarieis a mão de vossa filha?

— Oh! nesse caso Barberigo seria meu genro, e desde já assignaria com gosto o contracto; mas attendei, senhor, que este pobre rapaz não possui outra cousa mais que as tabboas de sua gondola, a não ser que tivesse tido a felicidade de achar o anel do duque....

— Sem depender de tão remota casualidade pederá em breve dispor da dita somnia.

— Mas de onde tiral-a, senhor?... exclamou atonito o gondoleiro.

— Não de minha algibeira, meu bom amigo, respondeu o desconhecido, pois neste momento sou mais pobre que um lazaroni. Ha tanta miseria a remediar de Florença a Venesa, que estou

— 139 —

sem real. Mas nada temas; minha pobreza é irmã da opulencia, e a arte que professo enche tão facilmente minha algibeira como a caridade a esvasia.

Dito isto, o desconhecido abriu uma carteira que trazia comsigo, tirou um pergaminho, e pondo-o sobre a mesa desenhou em poucos minutos uma mão, com tanta perfeição, que o gondoleiro, inda que ignorante em artes, não pôde conter um grito de surpresa.

— Toma (diz o desconhecido artista dando-lhe o desenho), leva este pergaminho ao cardeal Pietro Bembo, a quem acharás no palacio de S. Marcos, e diz-lhe que um pintor que necessista de dinheiro deseja vendel-o por dous mil dobrões.

— Dous mil dobrões! Exclamou o estalajadeiro. Esta homem é um neseio ou está louco!.. Eu não daria um sequim pelo tal pergaminho.

Sem embargo o gondoleiro partiu, e antes de uma hora estava de volta com a somma requerida, e uma carta, em que o secretario do papa Leão X pedia ao artista a honra de uma visita.

No dia seguinte Maria e Barberigo recebêrão a benção nupcial na Igreja de Santo Estevão.

O desconhecido quis ser testemunha do começo de sua ventura assistindo a cerimonia, e quando o gondoleiro cheio de gratidão pediu-lhe que dissesse o seu nome, respondeu chamar-se- *Miguel Angelo*.

Vinte 5aqu depois desta pequena aventura, Antonio Barberigo, por um destes rodeios 5aquele5do5, cuja chave só pertence á Providencia, era general da republica venesiana; porê m no meio da embriaguez de tão inesperada elevação, nunca esqueceu seu 5aquele bemfeitor; e quando Buenarota morreu em Roma depois da cegueira a mais gloriosa e da carreira a mais brilhante que 5aquele obteve artista algum, a mãodo gondoleiro foi que traçou por cima do 5aquele5 latino, composto por ordem do 5aquele5 de Paulo III para seu favorito, aquelles dous versos expressivos que o tempo tem 5aquele5do e que se lêem ainda no monumento 5aquele grande homem.

O desenho mencionado nesta historia passou á França na mochila de um soldado de Napoleão.

(Traducção.)

*Leonor G****

POESIA.

VISÃO.

Dorme o corpo, mas ardente
A minha alma véla e sente;
Dorme o corpo, e sinto a mente
De mim longe divagar;
Prende o somno os membros lassos,
Vér ga a fronte nos seus braços,
Porê m vejo nos espaços
Visão magica passar.

A' luz fraca, descorada,

Que entre nevoa condensada
Lança a face prateada
Do luar na solidão,
Vejo um vulto recortando,
Da nevoa no corpo brando.
Vaga fôrma e vir voando
Nas azas da viração

Já celeste creatura
Se m'antolha lá n'altura
Qual um astro que fulgura
Nos Céos perdido a vagar:

Já desfeito o nebuloso
Véo se rasga, e luminoso
Raio traça o pé mimoso
Pelas sombras a brilhar.

Traz com lindo e nobre geito
As mãos postas sobre o peito:
Embalada em brando leito
De nuvens soltas no ar,
O ar corta adormentado,
Qual o Aleyon socegado,
Pela aragem balouçado
Esvoaça á flor do mar.

A fronte, fronte de fada,
Traz no peito reclinada;
Traz na face immaculada
Sorriso d'anjo a pender;
Ondulosos movimentos
Do cabelo aos ventos
Vem ás vezes por momentos

A linda face esconder.

— 140 —

Qual a neve, branca veste
Branca e pura lhe reveste
O talhe, fôrma celeste,
Moldada no Céu por Deus;
E da brisa o bafo incerto
Beija o collo descoberto
Que rutila todo aberto
A' meiga aragem dos Céos.

Oh! serás tu fada amiga,
Boa fada, que consiga
Que a desgraça não persiga
Mais esta alma sem vigor?
Ou delirio só creado
No meu peito apaixonado,
Ou então immaculado,
Serás anjo do Senhor?

Eis de prompto o vento expira,
Morre a brisa, que suspira
Como a corda d'uma lyra
Que fica solta a vibrar,
E largando o aéreo polo,
Para o terra inclina o collo
Esse anginho, que no solo
De mim junto vem pousar.

Radiante d'alegria
Alça a fronte que pendia;

Sobre mim... na terra fria
Pousa a vista angelical;
Ter nos lábios o lampejo
D'um sorriso bemfazejo,
E soltar em ancias vejo
Este canto divinal:

« Invocaste o amor dos anjos,
« A teus rogos attendi,
« Larguei as azas douradas,
« Humanas fôrmas vesti.

« Pois de ser por ti amado
« Ninguém digno conheci:
« Só um anjo cá na terra
« Viver deve a par de ti.

« Então em gostoso laço
« A ti logo me preendi,
« E baixando sobre a terra
« Viver venho a par de ti. »

Assim falla, e de repente
Sopra a brisa novamente;
Logo vejo-a docemente
No espaços remontar;
Suspensa nos Céos divaga,
Depois... nos ares se apaga
Qual na praia a mansa vaga
Sobre as arêas do mar.

Eis acordo... escuto.... admiro...
Ardo em ancias, e deliro...
Fallar quero, e um suspiro

Vem nos labios expirar;
Suspiro dado á lembrança
Desse anginho de bonança
Que me veio dar a esp'rança
De poder na terra amar.

C.J. Nunes.

UM SONHO DA MINHA ULTIMA NOITE DE SOLTEIRO.

A' MINHA ESPOSA.

(Continuando do n.º 17.)

Eu sonhava; mas sentia que a realidade não fizera mais expressiva a tua imagem, porque, depois de minha interrogação, esse espaço, que tão longuinquo de meus olhos tornava o ponto onde te ostentavas, havia-se mysteriosamente limitado á distancia precisa para que o echo de minha voz roçasse teus ouvidos.

E o *fiat* do Creador deu-te os sentidos apenas os artistas angelicos depozirão á seus pés os pinceis com que te haviam retratado.

Sonhei que um altar, de improviso alevantando-se ante nós, illuminava-se magnificamente, attrahinde a attenção dos innumeros curiosos, que religiosamente curvando-se, admirados de tanto brilhantismo, interrogavão-se mudamente se a Hena de Carnak de novo holocautisava-se a Hesus?

Sonhei que estavas junto de mim, e que quasi me enlouquecia na indagção da circumstancia que havia realisado o facto de nossa união nesse lugar, que pouco a pouco tornava-se com a mesma velocidade mysteriosa com que eu houvera apreciado a apparição do seu agigantado portico, no fantasiado horisonte desse deserto arenoso, sonhado primitivamente.

— 141 —

Assetinadas vestes, guarnecidas de artificiaes camelias, adornavão-te o corpo; engrinaldados jasmins, symetricamente alvejando por entre o verdejar de suas folhas, circulavão-te a fronte altiva e soberana, d'onde pendia o transparente véo, que negligentemente distendendo-se por teus hombros, nivelava sua extremidade inferior com o aveludado tapete matizado de variadas flores, e que destinado aos teus passos soalhava o magnifico tabernaculo em que juntos nos achavamos.

Senti então que ninguém mais do que eu poderia merecer-te... pensei que a intensidade da amorosa paixão que eu te sagrava, a importância dos inalteráveis sentimentos de afeição e constância que eu te votava, constituição esses incontestáveis direitos da posse exclusiva de teus encantos divinizados pela supremacia que sustentavas entre os seres de teu sexo e espécie; direitos que por ti mesma me foram conferidos, quando pronunciaste a última estância de teu poema de amor, com a apresentação de tua dextra que eu apertei!.... E então, orgulhoso e feliz, eu disputava preferibilidade aos homens, quando de improviso toruado por marturiantes ciúmes, temendo encontrar a rivalidade nos anjos que te haviam retratado, desta sorte te interroguei:

Oh! Vargesia gentil, por quem trajas

A grinalda que adorna-te o véo?

Dize, dize, serás minha,

Ou serás noiva do Céu?

Oh! Vargesia gentil, por quem cobres

O teu corpo com branco setim?

Dize, dize, serás minha,

Ou noiva de uma seraphim?

E de novo te sorriste; mas está no Céu a tradução desse sorriso, porque tu és um anjo, e a graça com que moverão-se os teus lábios, a expressão etherea que sobresahiu nos leves traços que carminarão-te a cutis, formaráo essa linguagem que Deus inspirou somente aos seres divinos, que elle fez baixar á terra para sacerdotisar-lhe os dogmaticos mysterios de sua revelação.

E de novo me contempleste; mas está na mente de Deus a verdadeira interpretação dessa avida fixação de teus raios visuaes, que infiltrando-se pelas cavidades de meu peito, forão convergir-se em meu coração, que dilatou--se e expandiu-se chocado pelas emoções de teu magnetismo.

Sonhei que o precognito ministro de Deus, infallivel na presidencia desse acto solenne, nos conduzia ao tedifero altar, onde deveria victimar os nossos corações á prescripta formalidade que revelou-se na sagração dos nossos juramentos.... juramentos testemunhados por Deus e pelos homens! Juramentos que importarão a completa aberração de estranhas affeições! Juramentos que, indelevelmente gravarão-se nas recônditas paginas de nossas

reminescencias! Juramentos que, uma vez quebrantados, para a expiação do prescito não bastarão as execrações anathematisadas dos vindouros que tenham de fazer oscillar o corpo delinquente pendente do cadafalso!

Sonhei que estávamos de joelhos, um junto do outro, ao pé do altar; os acesos brandos mandavam suas nuvens ás gothicas cornijas que lateravam essa ara sacrosanta: grata exalação de odorifero incenso, excitada pela oscillação monotona do argenteo thuribulo, impregnava de aromaticos vapores a atmosphaera que respiravamos.

Sonhei que o templo esava repleto de espectadores.

Estávamos immoveis, porque de mais havia sido a emoção que agitava os nossos corações!

Estávamos immoveis, porque de mais havia sido a felicidade que surpreendia os nossos sentidos!

Estávamos immoveis, porque as nossas almas haviam abandonado nossos corpos, para juntas divagarem pela amplidão das ethereas regioes, indagando esse astro novo que deveríamos habitar!

Estávamos immoveis, porque em nossas imaginações, fulminadas pela solenne especção da scena que realisara-se á nossos olhos, desenrolava-se lentamente a nosso passado inteiro.... e entao mudos, e surdos, e cegos ao presente, nossos sentidos vitalisavão-se sómente quando tínhamos de dar uma saudosa lagrima á nossos familias, que passaríamos a olvidar para só curarmos um do outro; ou quando, com arquejos de nossos corações, tínhamos de levar o arrependimento aos seios d'alma por uma ou outra affeição de outr'ora...

Oh! que estávamos tambem immoveis assim, para cuspirmos pela contracção de nossos labios sarcasticos risos de fel á esses nescios e vencidos oppositores á essa felicidade que á preço de nossa constancia e amor, fruíamos venturosamente unidos ante um altar e um sacerdote!

Mas era-nos mister obediencia ás cerimoniaes imposições desse ministro de Deus.

« *Levantai-vos* » disse-nos elle, e automaticamente o obedecemos.

« *Prestai os vossos juramentos dictados pela pureza de vossas consciencias, repetidos pela convicção de vossas crenças, e lembrai-vos que, testemunhados por Deus, o seu perjurio importará a eterna condemnação de vossas almas.* »

E então os meus labios fallarão... era um juramento solemne que fazia!... E tu, que me ouvias, formaste com tuas palavras o echo do quanto eu havia jurado.

« *Juro ser teu, constantemente amar-te, firmemente dedicar-te os meus affectos, sacrificar-te todos os meus pensamentos de amor eterno, dadiivar-te todas as minhas affeições..... Juro*

por Deus, que me inspira e perscruta; pelo interprete de sua santa lei, que me ouve; juro pela sagrada benção que consumma a união de minha alma á tua divina essencia! »

Eis o que a pureza de minha consciencia directou-me, o que a convicção de minha crença repetia-me, eis finalmente o que tambem juraste.

E o altar já havia desaparecido.

E o templo já se havia anniquilado.

Mas do altar e do temploe nem mais um vestigio, nem mais signal restava que authenti-

— 142 —

casse-nos a recordação de sua ephemera existencia.

E eu sómente te via, a ti só contemplava mudamente, porque teu rosto era o alvo fixo de meus olhos, e meus labios, quando mais esforçavão-se para articular expressivamente um nome, mais ainda balbuciavão, cahindo em completo estado de mudez.

« Estais unidos perante o Céu e a terra! Sois esposos á face de Deus e dos homens! »

Eis sómente o que eu ouvia..... e essas palavras pronunciaadas pelo sacerdote, acompanhadas da benção nupcial, de continuo roçavão meus ouvidos.

E o calor de tua mão, unida á minha pelo ministro do altar, era um nimio incendio em cujas chammabrasava-se o meu coração.

Continuei a sonhar.

Sonhei que logo depois da desaparição do altar tornavamos a ver essa metamorphose do templo no principio de meu sonho.

Sonhei que juntos demandavamos essa florida, verdejante e pitoresca collina, que semelhando-se um oasis, levanta-se no horisonte do arenoso deserto onde tanto sonhei.

Lá aguardava-nos a simplicidade de uma habitação de paz e ventura. A natureza, fertil em suas maravilhosas producções, destinava-nos uma altiva e copada mangueira, junto á qual tecião-se as ramificações de innumeros e exquisitos arbustos, symetricamente formando o enredado tecto de uma gruta cujas paredes vegetavão sazoados fructos.

Lá, no interior desse novo eden, esperava-nos um tronco antecedentemente disposto pela natureza ao descanso de nosso corpo.

Lá nos achámos finalmente bemdizendo a mysteriosa dextra do omnisciente Creador, que tantos prodigios de felicidade havia operado em prol do nosso porvir!

Lá então comprehendemos a ventura que nos sorria, apreciámos a felicidade que nos affagava, avaliámos o prazer que nos embalava, aquilatámos a dita que nos transportava, os

gozos que nos extasiavam, e a effusão do arroubo que nivelava nossas almas aos espiritos divinos que te haviam retratado.

Lá estávamos, mudos, como se a electricidade nos houvesse chocado; immoveis, como se a respiração do ether nos houvesse petrificado!

Lá estávamos, e a sensibilidade, de novo vigorando-nos, revelou-se no movimento reciproco de nossas mãos, que ardentemente apertarão-se.

E então, de nossos peitos, abrasadores suspiros, incendiados no vesuvio de nossos corações, partirão por nossos labios, que de seus ardores crestarão-se.

E então os nossos olhos moverão-se, um do outro buscando a traducção dessa linguagem de nossos corações, que elles mudamente exprimão.

E então, como se a voz não bastasse para a satisfação desse desejo, nossas fronte aproximarão-se, nossas faces unirão-se, e nossos labios, juntando-se, n'um prolongado beijo balbuciarão - *amor!*

E então continuei a sonhar.

Mas o que sonhei está escripto na biblia do nosso futuro! O que sonhei está, bem fundo, gravado aqui nas internas cavidades deste peito! O que sonhei terás sabido quando realizar-se esta prophesia da imaginação! O que sonhei terás comprehendido quando escutares a ultima vibração do relógio da noite, escoando-se pela espessura das trevas! O que sonhei terás lido, terás sabido, terás comprehendido, terás adivinhado quando vires despontar essa estrella precursora da manhã de 25 de Maio de 1853!

A.J. dos Santos Neves

CORREIO DOS SALÕES.

Boas noticias trago hoje, minhas leitoras. Começarei pela melhor, bem entendido, para vós, que para os homens é terrivel, principalmente para mim, que só Deus sabe o que se passa neste coração morto de decepções.

Não duvideis da veracidade della: assim como dizem que *a voz do povo é a voz de Deus*, tambem é proverbio que a voz das moças é a voz dos anjos.

Já sabeis, pouco mais ou menos, o fio electrico por onde correu essa noticia que vou dar-vos: mas eu vol-a explico claramente.

Tenho muitas relações com familiares, e em todas as casas á que vou, de uns dias para cá, proclamão as moças geralmente - *O anno de 1854 é o anno dos casamentos das*

Fluminenses. Muitas já se casarão nestes quatro mezes passados, outras casão-se nesta semana, algumas nestes dous mezes, e ha tambem casamentos resolvidos para d'aqui a seis mezes.

Dizei-me agora: não é uma noticia agradável , mesmo para aquellas que ainda não estão pedidas? Não é um incentivo para os namorados pedirem as suas dileclas? Ninguem contestará :mas para aquelles que, como eu, gostavão de admirar o ramalhete de flores do *Cassino*, entristecerão com ella, porque, quasi que de proposito, são das mnais lindas que mãos crueis vão arrancar do *bouquet* virginal que adornava aquelles salões derramando perfumes das flores do Céu.

Mas, como não sou egoista, tenho tambem verdadeiro prazer que assim seja: que todas as noivas de agora sejam nuito felizes durante toda a sua vida , e que esqueçam todo o passado que por ventura não estiver em relação com o futuro, para serem boas esposas e fazerem as delicias de seus maridos. Lembro-lhes ainda mais que Deus só santifica o casamento, se elle foi contrahido por amor de ambas as partes. Isso é um principio de Escriptura e da razão; e, se assim

— 143 —

é, aquelles que por acaso se vão casar por alguma conveniencia de interesses mundanos, ou por condescendencia, devem lembrar-se que vão offender a Deus, que vão commetter um pecado, e que assim poderão ser infelizes, porque a ordem das cousas as poderá levar ao precipicio, e não terão a protecção do Céu para detel-as nas bordas do abysmo da desgraça.

O casamento, minhas leitoras, é uma cousa tão melindrosa para a mulher, que ella só deve consultar, para dar esse passo, os conselhos de seu coração. Desobedecer a um pai exigente nesses casos é licito, ou antes um pai nada deve fallar a esse respeito á sua filha senão quando for necessario combater uma paixão por um homem despresivel e sem futuro. — A escolha deve só depender della, e de mais ninguem.

Penso assim, e por isso assim vos fallo.

Agora passarei á outras noticias. Houve o baile militar, que foi honrado por sunnidades do paiz, e adornado por moças bellas e bem trajadas.

Proclamarão rainha desse baile, ou estrella dessa noite uma moreninha de doze annos que frequenta o *Campestre*, e que trajava um *toilette* azul-claro. Mostrarão-me como uma belleza, e disserão-me que era o espirito moldado em formulas de menina: não achei-a tanto, nem n'uma, nem n'outra cousa. Tem bonitos olhos pretos, tem uma boquinha engraçada, uma cutis corada, e fórmulas delicadas, mas não tem um corpo elegante, nem sabe vestir-se: e

bonitinha, e mais nada; poderá vir a te-los, por ora ainda não tem muitos encantos. Quanto ao espirito, se diria melhor — viveza e caprichos. Ainda é criança; brinca no baile como uma menina; e parece que entende que os rapazes são bonecas.

Gosta de dizer tudo o que quer, para fingir-se enfadada o maçada pela conversa, sem reflectir que nem todos estão apaixonados por ella , e que podem receber como grosseria aquillo que os adoradores chamariam espirito. Sou franco; como ella não sabe quem sou, comquanto a tenha estudado muito, obrigado pelo meu officio de chronista, vou lhe dizendo as verdades nuas e cruas, colhidas pelas minhas observações.

Finalmente, se eu fosse seu irmão, diria-lhe - Menina, você ganha mais em não ir a bailes senão d'aqui a dous annos.

Como todo baile occupou-se della , moços e moças (*salvo o resto*), eu tambem desse baile só me occuparei della , não podendo porêr deixar de render um elogio ao Corpo Guerreiro pela bella noite que proporcionou ao Rio de Janeiro.

Já não se falla mais em gaz : agora é na estrada de ferro que faz o seu primeiro ensaio no domingo, e que terá uma grande concurrencia de aristocratas e pessoas gradas da côrte: SS. MM. II. assistirão ao ensaio.

Tudo isto se deve ao Sr. Ireneo: oh! se elle quizesse tomar conta do *Provisorio*... Já se falla na nova companhia lyrica: nada digo por ora a respeito: esperar é a grande sciencia do mundo.

A ultima noticia alegre que vos dou é que, por causa dos frequentes ataques de preguiça, tendo ficado paralytico, já não sou mais o *Correio dos Salões do Jornal das Senhoras*, o que muito sinto: mas o que não tem remedio remediado está: haverá outro melhor que me substitua, e que vos traga sempre malas cheias de noticias alegres.

Adeus, minhas leitoras, para sempre.

C...

BOLETIM DOS THEATROS.

— Sr. *Tympano*, que tal foi a enchente de domingo, no theatro de S. Francisco?

— Eis o que o *tympano* não póde dizer-vos.

— Que drama foi á scena?

— Olé! Aqui sim, sou eu grande! Isto, sim senhor, porque tenho olhos na cara para ler tudo (menos as moralidades do Paulo de Kok), principalmente o que diz respeito cá ao officio, como sejam cartas, etc., e por consequencia posso dizer-vos alto, em bom som e melhor

portuguez, endireitando as vertevras, empapuçando as bochechas retheadissimas de impafia, e accentuando magistralmente: — Forão Os Dous *Arrenegados*, (como diz muita gente boa), chefe d'obra do Mendes Leal! - As grandes capacidades, apenas conhecidas, passam a ter na nomeação este sem cerimonial tratamento.

— E que tal correu elle? Isto é: que tal foi sua execução?

— Sou todo ignorancia outra vez, minhas senhoras, porque aprendi com meus avós a não jurar falso.

Gosto de intrometter-me sómente naquillo de que tiver sciencia, e fallar só do que tiver bispado com estes dous que a terra ha de comer. Deixemo-nos de aventurar, porque quando menos esperarmos, bem póde uma *transferencia* roernos a corda, e o pobre *tympano*, só porqqe quiz *palestrar* com as suas leitoras, passar por improvisador, quando por seus peccados, nem sabe plagiar.

A Pobre Mãi é bom drama; suas scenas *graciosas* e *tragicas* authenticão a supremacia do dramaturgo que o aborton. Sua execução no domingo, em S. Pedro, esteve boa, e a Sra. Ludovina no sublime mostrou que sabe exceder a expectativas.

Em seguida o *Captivo de Fez* teve de beneficiar a Artista que o escolheu para esse fim; quem quer que ella seja, jámais deu crença a superstições, pois do contrario teria de benzer-se arrependida, lembrando-se do Sr. Costa com o seu *Captivo de Fez* nessa noite da tremenda fogueira.

O *Tympano*.

— 144 —

Receitas e processos uteis.

RECEITA PARA FAZER VINAGRE DE - QUATRO LADRÕES. - A origem do nome e reputação tão popular deste vinagre e bem conhecida, e por isso não será inutil dar certa publicação á receita da sua preparação.

Olhinhos seccos de losna. 2 onças
Rosmaninho Dito
Melissa Dito
Salva Dito
Hortelã Dito

Arruda	Dito
Flor de alfazema	Dito
Tomilho	Dito
Alho	2 oitavas
Canella fina	Dito
Cravo da India	Dito
Noz - moscada	Dito
Vinagre	2 quartilhos
Canfora dissolvida em al-	
cohol, e acido ace-	
tico.....	4 oitavas

Pisão-se todas as materias seccas, e deixando-as macerar no vinagre dentro de um vaso de louça por espaço de quinze dias, e n'um lugar quente, tiráo-se delle, e filtra-se o liquido por papel pardo. Ao liquido filtrado junta-se a canfora dissolvida em alcohol e acido acetico, acabando por misturar tudo muito bem.

Com este vinagre se costumão esfregar as mãos e a cara, deital-o na roupa; e fazer fumigacções, quando ha enfermidades epidemicas ou contagiosas.

PARA LIMPAR O VIDRO DOS ESPELHOS - Pisa-se um bocado de anil até ficar reduzido a pó bem fino: com um panno limpo molhado em agua toma-se um pouco deste pó e passa-se sobre o vidro, esfregando-o levemente; depois limpa-se com outro panno secco.

Tambem se póde usar para o mesmo fim de cinza bem peneirada, molhando o panno em aguardente e applicando-o da mmaneira sobredita.

Costumão algumas pessoas servir-se para este effeito de alvaiade, o que se deve evitar, porque tira o lustre do vidro.

PARA LIMPAR E RESTITUIR O LUSTRE A PEÇAS DE PRATA. - Dissolva-se um pouco de pedra-hume em uma encerrada forte; ajunte-se-lhe um pedaço de sabão; e com esta mistura lavem-se as peças de prata, esfregando-as com um panno. Depois enxuguem-se e passem-se com outro panno secco, e recobrarão facilmente o lustre.

Anecdota.

Estando a confessar-se uma jovem senhroa, o padre, depois de muitas perguntas relativas á confissão, lhe perguntou o seu nome. A menina, a quem esta curiosidade não agradou, lhe respondeu promptamente: « Senhor padre, o meu nome não é peccado. »

CHARADAS.

Amor começa por ella; 1

Tal se chama o conductor. 2

Eu sou ave, e não pequena;

Meu leitor, veja se atina:

O meu nome é conhecido,

E sou ave de rapina.

‘Stando no meio, assim ‘stou; 2

Conta trinta, e me verás. 1

Toma sentido, leitor;

De tua attenção careço:

No principio não me vês,

Depois da peça appareço.

Tendo Roma muito povo,

Foi este em mim dividido; 2

Sem mim a corda não unes,

Depois de a teres partido. 1

A respeito de meu nome,

Eu te digo, não é novo:

Fui eleito p'ra defeza

Dos direitos de meu povo.

Sou vogal, não consoante; 1

Sou arctico, ou sou antartico. 2

Muito amor sagrei a Daphne,

Filha do rio Penéo;

E por matar os Cyclopes
Fui expellido do Céu.

A charada do n.º 17 é: Barata.

Acompanha este n.º 18 uma estampa com modelos de capotes.

TYP. DO Jornal das Senhoras. RUA DO CANO N. 165

